
CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 p.

Jesus Marmanillo Pereira*

Universidade Federal do Maranhão – Brasil

Tendo escrito *Cidade, democracia e socialismo: a experiência das associações de vizinhos de Madri* (Castells, 1980) e *Sociedade em rede* (Castells, 1999), Manuel Castells parece confluir suas reflexões teóricas sobre associativismo e tecnologias de informação no livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, publicado no Brasil no semestre seguinte às manifestações de junho.¹

No prefácio da obra, intitulado “Articular mentes, criar significado, contestar o poder”, Castells apresenta o livro, ressaltando a importância de compreender os movimentos sociais em seu processo de formação, dinâmica, valores e perspectivas de transformação social, destacando o papel da comunicação no processo de compartilhamento de significados e troca de informações. Nesse viés o autor defende que uma comunicação autônoma é a essência dos movimentos sociais que buscam contestar o poder instituído.

Interpretando as mobilizações ocorridas no mundo árabe, na Espanha e nos EUA, o autor discorre – no capítulo “Prelúdio à revolução: onde tudo começou” – sobre pontos como: 1) as conexões existentes entre os diferentes eventos; 2) os valores culturais de cada local; e 3) a relação entre a *autonomia da comunicação* e o *contrapoder* – exercidos pelos movimentos sociais frente ao poder institucional do Estado monopolizador da violência.

Entendendo que o prelúdio das mobilizações ocorridas em vários países se iniciou na Islândia e na Tunísia, locais marcados respectivamente pelo

* Contato: jesusmarmanillo@hotmail.com.

¹ Conjunto de protestos ocorridos em várias capitais brasileiras, e que foi iniciado em São Paulo com o movimento Passe Livre pela redução das tarifas dos transportes públicos. Tal fenômeno tem sido objeto de debate e já resultou em algumas publicações, como a organização *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil*, uma sessão da terceira edição da revista *Pensata* (Unifesp) e o próprio posfácio do livro resenhado.

colapso financeiro e autoimolação do jovem Mohamed Bouaziz, Castells analisou – inicialmente – como a composição étnica, profissional e religiosa dos manifestantes, o déficit democrático e a articulação entre a comunicação livre – expressa por meio de TVs como a Al Jazeera e comunidades virtuais – possibilitaram a ocupação de espaços públicos por milhares de manifestantes.

Já no capítulo “Revolução egípcia”, o autor demonstra que a revolução egípcia foi dramatizada seguindo o exemplo tunisiano, discorrendo detalhadamente sobre as formas como as redes de comunicação foram utilizadas pelos manifestantes e governo, durante as situações de tensão entre Estado e sociedade. Para tanto, utilizou a noção de *rede multimodal*, destacando que o *contrapoder* revolucionário expressou-se também por celulares, emissoras que operavam em diferentes frequências de transmissão, *modens dial-up* e outros meios para lidar com a repressão governamental conhecida como a “grande desconexão”. Sobre a situação *off-line* descreve analiticamente a ocupação na Praça de Tahrir, destacando as redes de solidariedade formadas, o autogerenciamento as composições sociais e profissionais.

No terceiro capítulo, “Dignidade, violência, geopolítica: as insurreições árabes”, explica a expansão e institucionalização do dia de fúria (*yum al-Ghadah*) em diversos países árabes, expondo que a dignidade e o “pão” foram os motores originais da maioria dos movimentos engendrados naqueles países cuja população, em grande parte, compunha-se de pessoas relativamente instruídas, abaixo dos 30 anos e desempregada. Castells nota que, para essas populações, o ato de reivindicação por dignidade e alimentação “significou um tipo de crítica às políticas econômicas e à corrupção como forma de governança” (p. 75).

Com mais detalhes, o autor discorre sobre as manifestações na Líbia e na Síria, atentando para as características específicas de cada tipo de governo, e o modo como tais manifestações se desenrolaram em situações de violência e guerra civil, que para ele seriam responsáveis apenas pela morte de pessoas, mas também dos próprios movimentos sociais – em seus ideais de paz, democracia, justiça, etc. Castells enfatiza, ainda, que violência possibilita a criação de um ambiente favorável para influências e intervenções externas, como foi o caso do apoio russo e chinês à ditadura na Síria. Fechando o capítulo, Castells considera os estudos de Philip Howard e Muhammad Hussain – autores que percebem a maior difusão e uso de tecnologias como diretamente ligadas ao aumento da democratização, envolvimento cívico e autonomia da sociedade civil – e destaca a potencialidade comunicativa expressa por meio de imagens e gráficos inovadores, e as mobilizações mediadas digitalmente.

No quarto capítulo, “Uma revolução rizomática: os indignados na Espanha”, é explicada a influência da eurocrise e do exemplo da Islândia nos processos de indignação da população e deslegitimidade dos partidos políticos e do sistema financeiro espanhol. Para tanto, descreve um processo iniciado com debates que culminaram em passeatas e manifestações nas principais praças espanholas. A utilização de comunidades virtuais, como a “Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã” e “Democracia Real Ya”, funcionaram como meio para a realização de debates, articulações e a deliberação das ocupações dos espaços públicos. Tais comunidades congregaram grupos como “Juventud sin Futuro”, “Juventud em Acción”, “Plataforma de Afectados por la Hipoteca” e outros caracterizados pelo descontentamento com a forma como o governo gerenciava a crise.

Manuel Castells demonstra a forma como tais ocupações expressavam o desejo de uma nova cultura econômica e política, articulada por meio de redes de solidariedade, assembleias, e alimentada pelos questionamentos de lideranças e partidos, pelo desejo de uma ética bancária e cooperativismo, etc. Para ele, a principal “raiz” fincada com o movimento foi a autorreflexão da população e reflexão sobre o sistema, sinalizando assim a importância de valorizar todas as etapas da mobilização, não a entendendo, apenas, como um meio para a obtenção de resultados, tal como fazem os de visão produtivista.

No quinto capítulo, “Occupy Wall Street: extraindo o sal da terra”, ressalta a semelhança do Occupy Wall Street com os movimentos ocorridos nos países árabes e na Espanha, destacando o apoio das redes virtuais como o Facebook, o #Occupywallstreet no Twitter, *sites* como o AmpedStatus, e ações que faziam menção às mobilizações ocorridas em outros locais. Assim, esses pontos são pensados em relação ao exemplo da convocação do dia de fúria (*yom al-Ghadah*) feita pelo grupo Anonymous.

O autor segue discorrendo sobre a importância de algumas publicações impressas, como *Occupied WJS*, *Occupy! N+1*, *Tidal*, e também sobre dinâmica e organização das assembleias – constituídas por um conselho de porta-vozes (Spokes Council) cujas atividades buscavam outra concepção de participação e política. Tal mobilização realizou-se em ações direcionadas aos banqueiros por meio de *slogans* como, por exemplo: o “Separe-se de seu banco”, o “Dia da transferência bancária”, valorizando a ideia de cooperativas de crédito, de base comunitária e deixando claro um dos alvos da mobilização. Contou, ainda, com tecnologias de transmissão de imagens na rede, que funcionavam como forma de proteção contra a violência.

No sexto capítulo, “Transformações do mundo na sociedade em rede”, há uma reflexão sobre os capítulos anteriores, percebendo que movimentos não surgem apenas como resultado da pobreza, mas que também dependem de aspectos emocionais. Dessa forma, Castells ressalta a importância de emoções como raiva, entusiasmo e medo, relacionadas respectivamente a busca por justiça, engajamento e superação. O autor fornece um panorama sobre as características comuns dos movimentos e nota que só puderam ser percebidos como tal a partir do momento em que ocuparam os espaços urbanos, concluindo: “O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares.” (p. 160). Aponta, ainda, outras características, como a espontaneidade, o trânsito deles entre as questões locais e globais, o poder das imagens, autorreflexão, horizontalidade de suas redes, percebendo que tais movimentos produziram, internamente, seus próprios antídotos contra a disseminação dos valores sociais e costumes que combatiam.

No último capítulo, “Para além da indignação, a esperança: vida e morte dos movimentos sociais em rede”, considera que o mais importante é a produtividade histórica e social das práticas desenvolvidas por tais movimentos, e que esses estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidade e redes de internet.

Enfim, a contribuição desse livro é importante não só pela atualidade do debate, mas também por fornecer um modelo explicativo que foca as mobilizações não apenas por meio dos condicionantes macro-históricos ou organizacionais, considerando, assim, aspectos comunicativos, culturais e tecnológicos – fundamentais para a compreensão da sociedade contemporânea. Tal análise nos possibilita somar as perspectivas *on-line* e *off-line* para esses fenômenos associativos que têm marcado a teoria dos movimentos sociais.

Referências

CASTELLS, M. *Cidade, democracia e socialismo: a experiência das associações de vizinhos de Madri*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.